

Apresentação

Este é um livro fantástico, maravilhoso, que traduz com maestria o insólito literário para um contexto compreensível para nós, amantes do sobrenatural. Trata-se de uma coletânea de estudos acadêmicos publicados pelas professoras do Programa de Pós-Graduação da Universidade Presbiteriana Mackenzie, Ana Lúcia Trevisan e Maria Luiza Guarnieri Atik, no período de 2010 a 2018, que surgem agora, revistos e ampliados, todos reunidos num livro que potencializa toda a obra antes dispersa em publicações no Brasil e no exterior.

Como vocês poderão constatar, o que chamamos de normal é apenas um pacto social e é no encontro do escritor com o leitor, no ato da leitura, que vem à tona os sentimentos mais profundos que guardamos no quarto escuro de nosso subconsciente. De fato, ler esse livro é percorrer um caminho de descoberta do nosso próprio imaginário e da nossa realidade, por mais insólita que ela possa ser.

O livro *Narrativas insólitas e realidades possíveis* está dividido em duas partes. A primeira parte, intitulada *Reflexões sobre manifestações do insólito ficcional* traz 7 ensaios em que as autoras às vezes em coautoria, analisam e discutem o fantástico e o insólito em obras que vão dos clássicos Cortázar, Borges, Casares a Samanta Schweblin, Rubens Figueiredo, Andrea del Fuogo e Pasmem, Mario Donato e Lygia Fagundes Telles.

A segunda parte, intitulada *Ficções e mundos possíveis*, é composta por 3 ensaios que abordam questões envolvendo a literatura e a ciência, a história e a cidade. O deslocamento da literatura para o passado ou para o futuro, para terras longínquas desconhecidas ou lugares próximos conhecidos constitui por si mesmo algo de insólito, de absurdo ou de super-real. A criação de humanoides e da vida pós-humana, a viagem do elefante Sa-

lomão, de 3 metros de altura e 4 toneladas, caminhando de Lisboa a Viena e a Manaus que “persegue o autor” em todas as cidades a que ele viaja, tal como um fantasma de recordações e sentimentos. Tudo tem um quê de fantástico e de mágico.

O ensaio de abertura do livro, “Efeitos e impactos do fantástico na literatura contemporânea”, serve como um pano de fundo que, de certa maneira, fundamenta todos os demais trabalhos. Nele, a autora discorre sobre os papéis dos contextos de produção e de recepção para defender que o fantástico é histórico, tanto ao refletir temática e estilisticamente sua época, mas também pela recriação dos sentidos no momento da leitura. Como nos alerta Trevisan o impacto do fantástico sempre existirá, porém, remodelado pela temporalidade da leitura. Talvez por isso mesmo, o que aterrorizava nossos antepassados hoje não ponha medo em nossas crianças e seja até cômico. Se, como diz a autora, as estratégias de produção do texto, os efeitos narrativos que provocam o surgimento do fantástico nem sempre vão garantir “aquele” impacto do fantástico, resta-nos a nós, leitores, a questão: como saberemos ser não lermos?

O segundo texto escrito em coautoria, “Fantástico e homologias textuais: um estudo sobre Julio Cortázar e Lygia Fagundes Telles”, traz uma comparação entre os contos “Axolotl”, de Cortázar (1964) e o de Lygia Fagundes Telles, “A caçada” (1965). Baseadas nos procedimentos narrativos que compõem a estrutura da obra fantástica propostos por Todorov e, das principais características do fantástico dos séculos XIX e XX, as autoras encontram pontos de contato entre as obras, já que ambas refletem sobre temas caros a esse modo narrativo, que são a metamorfose e o duplo, cuja obra mais icônica talvez seja *O Estranho caso de Dr. Jekyll e Mr. Hyde*, de Robert Louis Stevenson, autor também do clássico *A Ilha do Tesouro*. As análises dos contos nos mostram também que os “normais” também habitam o mundo do insólito.

Cortázar volta à cena no terceiro ensaio, dessa vez, uma análise de seu conto Delia Mañara. O curioso é que o conto analisado é uma espécie de releitura do mito de Circe, cantado por Homero, ou seja, o fantástico criado não a partir de um mundo considerado real, mas de um imaginário também. Essa releitura, segundo as autoras, é também, um exemplo das transformações de uma literatura que, marcada por fantasmas, mortos-vivos, vampiros e lobisomens caminhou para aquela mais contemporânea em que nossas angústias existenciais, a rotina, a burocracia, os padrões de vida, de felicidade e de consumo não nos assustam como o velho fantasma de Canterville, mas nos seduzem e aprisionam como no mito grego de Circe.

O quarto texto analisa o conto “A mala pesada de Benavides”, de autoria da escritora argentina Samanta Schweblin. Através de um conto em que, em alguns aspectos lembra um pouco *O Alienista*, de Machado de Assis, a autora busca desvendar uma realidade mais profunda que questiona o que é lógico e ilógico. No conto, o mundo parece estar invertido, de cabeça para baixo, e o inusitado é que é aceito como real. Nas palavras da professora Atik, a trama muito bem urdida leva o verossímil a um extremo fora do comum, mas com muita naturalidade. E é com habilidade que a autora, ao trazer os acontecimentos insólitos mais no final da história cria uma desconcertante incerteza sobre o real.

O Malaquias, romance da autora paulista Andrea del Fuego, quinto ensaio da coletânea, insere-se no âmbito do realismo maravilhoso e remete a tradições populares brasileiras e também a autores como Gabriel Garcia Marques, Guimarães Rosa e Murilo Rubião. O romance é uma narrativa realista pontuada por acontecimentos insólitos que, segundo Trevisan, são incorporados naturalmente e não provocam efeitos de suspense ou medo. A partir da quebra do pacto do realismo, porém, o texto passa a exigir do leitor o entendimento de uma realidade que

não mais encontra correspondência no universo cotidiano e o insólito passa a ser metafórico também.

O sexto trabalho analisa o conto “Os anéis da serpente”, uma narrativa fantástica do carioca Rubens Figueiredo. O narrador vive atormentado por seus sonhos com um “mesmo homem”, de semblante agressivo e impaciente que se continuamente no seu cotidiano ameaçando sua identidade. Da mesma forma o amedronta ao passar da vigília para o sono, pois teme que o “homem” esteja à espera pronto para se manifestar em seu sonho. Aos poucos o sonho torna-se uma espécie de vida paralela a ponto de o narrador acabar acostumando-se com essa dupla vida, porém, sem poder tomar conta de seu destino. O conto é, assim, um representante do fantástico contemporâneo, em que o homem é a própria imanência do fantástico e o fantasma habita dentro dele.

Finalizando essa parte, temos uma bela análise das projeções fantasmáticas de cenas do telefilme “Presença de Anita”, de Mário Donato, exibida pela Rede Globo de televisão em 2015. A trama envolve em sensualidade, erotismo, voyeurismo e amores proibidos talvez tenha chamado a atenção do público à época mais por esses aspectos do que pelas aparições do fantasma de Anita. São, porém, essas aparições que permitiram à professora Atik inserir o romance e o telefilme dele originado, dentro no universo fantástico. Como bem o lembra a autora, um dos recursos tradicionais da narrativa fantástica é a presença da figura do fantasma, do ser que retorna da morte e se instala no mundo dos vivos, introduzindo uma transgressão nos códigos de funcionamento do real. De fato, para quem vê ou sente a presença diáfana de alguém que voltou do lado de lá, esse alguém é real.

A segunda parte do livro, *Ficções e mundos possíveis*, é aberta com o ensaio “Ficção científica: diálogos entre a imaginação e a biotecnologia”. Nele as autoras fazem um passeio por

obras literárias e fílmicas que tratam da incessante busca do homem em produzir máquinas cada vez “inteligentes”. São robôs, autômatos, replicantes e ciborgues, enfim, seres artificiais que mesmo se aproximando cada vez mais da forma e comportamento humanos ainda não tem seu lugar legitimado como mostra, aliás, *Blade Runner*, filme, baseado na novela de Philip K. Dick, *Do Androids Dream of Electric Sheep?* (1968). As razões que motivam essas criações vão das mais bem-intencionadas às mais perversas, colocando o homem diante de si mesmo e de sua concepção de ser humano, a ponto de desejar criar o "homem perfeito", com uma "inteligência perfeita" abrindo o horizonte do pós-humano. Tomando como referência inicial a obra de Phillipe Breton, *À Imagem do Homem – Do Golem às Criações Virtuais* (1995), as autoras fazem um proveitoso ponteiro de obras marcantes. Ao final, percebemos que a simbiose homem-máquina também existe na relação realidade e arte, uma alimentando a outra.

O segundo ensaio discute sobre a ficcionalização da História, no romance de José Saramago, *A viagem do elefante*. As autoras refletem sobre a natureza do romance histórico que não sai de moda e está sempre sendo reinventado, cumprindo funções importantes como preencher lacunas das narrativas históricas oficiais, oferecer outros pontos de vista ou mesmo para ambientar um enredo fantasioso. No caso de *A viagem do elefante*, Saramago, tendo poucos documentos históricos disponíveis, recria a viagem de um elefante que em 1551, época do rei D. João II, foi levado de Lisboa a Viena. É um romance que fica entre a história e a ficção, mas no qual o autor traz um narrador contemporâneo do leitor e que não se esquivava de comentários valorativos. O romance promove um diálogo dos tempos, cujo objetivo não é legitimar a versão dos fatos, mas problematizá-los aos olhos do leitor da contemporaneidade.

O ensaio que fecha a coletânea chama-se “As representações literárias de Manaus: memória e imaginação nos contos de A cidade ilhada, de Milton Hatoum.” Trevisan faz uma análise dos 14 contos que compõem o livro encontrando um denominador comum que é o “fantasma” da cidade de Manaus que “persegue” o autor-narrador para todas as cidades a que ele viaja. Personagens que podem ser reais ou não, lugares e episódios reais ou não, mas é dessa imaterialidade e da incerteza é feita a literatura.

A literatura encerra em si um enigma: ela representa a realidade, representando uma realidade ou a literatura representa sua própria realidade? Vemos, nos trabalhos aqui analisados, talvez exemplos das três possibilidades. No entanto, esse enigma é inquietante e paradoxal, pois a chave para a resposta é a própria literatura que se completa a posteriori, no ato da leitura. O desafio é do leitor.

Convido vocês à leitura desse livro e a adentrarem os labirintos infinitos da Biblioteca de Babel.

Prof. Dr. Luiz Fernando Gomes
Universidade Federal de Alagoas
Maceió, 30 de setembro de 2019